

AS NECRÓPOLES ALTO-MEDIEVAIS DO CONCELHO DE CASCAIS

METODOLOGIAS PARA O SEU ESTUDO

CATARINA BARRADAS MEIRA Instituto de Estudos Medievais (FCSH/UNL), catarinabmeira@gmail.com

RESUMO O presente artigo trata a importância das metodologias arqueológicas para o estudo das práticas funerárias das comunidades rurais, com especial foco naquelas utilizadas na investigação realizada pela autora para as necrópoles do concelho de Cascais (Lisboa). As problemáticas inerentes a este objeto de estudo implicam forçosamente a análise de documentos escritos e das fontes bibliográficas disponíveis, bem como de trabalho de campo que reflita o estado de conservação dos vestígios arqueológicos – as sepulturas. A pesquisa realizada centrou-se igualmente no estudo dos espólios funerários e dos restos osteológicos, que não devem estar dissociados no domínio da Arqueologia Funerária. Assim, apresentam-se as opções metodológicas adotadas para as necrópoles de Cascais e, por fim, eventuais linhas de investigação futuras para contextos arqueológicos similares.

PALAVRAS CHAVE Arqueologia, Alta Idade Média, sepulturas, metodologias

ABSTRACT The present article approaches the importance of archaeological methods for the study of funerary practices of Early Medieval rural communities, with special focus on those applied in the investigation developed by the author about the necropolis of Cascais' municipality (Lisbon). The inherent questions on this subject necessarily imply the analysis of the written historical documents and of the bibliographic ones, as well as field work which portrays the preservation status of the archaeological testimonies – the graves. This investigation also focused on the study of the funerary assets and the osteological remains, which cannot be dissociated from Funerary Archaeology. Therefore there will be presented the methodological options adopted for Cascais' necropolis, as well as possible guidelines for the future investigation of similar archaeological contexts.

KEYWORDS Archaeology, Early Middle Ages, graves, methodologies

INTRODUÇÃO

Esta comunicação resulta do trabalho de investigação realizado para a apresentação, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, da Dissertação de Mestrado em Arqueologia intitulada "As Necrópoles alto-medievais do Concelho de Cascais (séculos VI e VII)".

De modo a ir ao encontro dos objetivos estabelecidos por esta sessão tradicional, esta comunicação centrou-se nas metodologias utilizadas para o estudo das necrópoles alto-medievais do referido concelho, tendo em conta uma série de dificuldades que os contextos deste período cronológico têm implícitos. Foi, no fundo, a tentativa de apresentar um conjunto de soluções para as problemáticas que este estudo acarreta.

As necrópoles do concelho de Cascais são sítios arqueológicos bem conhecidos pelos investigadores, uma vez que a descoberta de algumas delas é precoce, datando de finais do século XIX. Foram integrados nesta investigação os cemitérios de Alcoitão, da Abuxarda, de Murches, de Casais Velhos e das Grutas do Poço Velho.

METODOLOGIAS: PROBLEMAS E SOLUÇÕES

FONTES ESCRITAS

O primeiro aspeto que dificulta inicialmente o estudo das necrópoles dos séculos VI e VII é a escassez, ou até mesmo a inexistência, de documentos escritos dessa época que esclareçam acerca dos rituais que precediam e que envolviam a deposição funerária. Dada esta dificuldade, o estudo dos cemitérios cascalenses em questão começou pela análise quase exclusiva das primeiras publicações de teor arqueológico que abordavam esses sítios, alguns deles identificados na década de 1880. Essas publicações são pautadas por sumárias descrições sobre arquitetura funerária, sobre o número de indivíduos por sepultura ou sobre a deposição dos espólios funerários; por vezes, nem são esclarecedoras do número total de sepulturas que constituíam essas necrópoles e não existe qualquer registo gráfico, em planta ou de pormenor dos sepulcros, para a generalidade desses sítios. Esta ausência é condicionadora da leitura espacial, antropológica e diacrónica

destes contextos e é esse o tipo de informação que a arqueologia das necrópoles alto-medievais privilegia atualmente no registo arqueológico.

Aquilo que nos indicam as fontes bibliográficas é que a necrópole de Alcoitão seria constituída por 34 sepulturas de lajes, orientadas Este-Oeste e dispostas em filas paralelas (Oliveira, 1888-1892, p. 6). Em 2001, a construção da Via Longitudinal Norte (Troço Nó das Fisgas/Quinta de S. Martinho) determinou a identificação de três novas sepulturas, uma de lajes e duas em fossa (Cardoso e Encarnação, 2001).

Na década de 1940, um conjunto indeterminado de sepulturas foi identificado no exterior do complexo fortificado de Casais Velhos, todas orientadas no sentido Este-Oeste, constituindo dois locais de enterramento distintos (Figueiredo e Paço, 1950, p. 310). Novas intervenções realizadas em finais dos anos 60 por parte de Octávio da Veiga Ferreira e de António Castello Branco levaram à descoberta do terceiro núcleo funerário com um número indeterminado de sepulturas (Branco e Ferreira, 1971, p. 74).

Segundo a descrição de 1880 que F. Paula e Oliveira faz da Abuxarda, este autor ter-se-á deparado com um cemitério semelhante ao de Alcoitão. Infelizmente na sua descrição não menciona o número de sepulturas que a integravam, mas descreve-as como estando dispostas em filas e orientadas no sentido Este-Oeste, à exceção de duas que se encontravam de Norte para Sul (Oliveira, 1888-1892, p. 7).

As informações sobre as sepulturas descobertas em Murches são muito escassas. F. Paula e Oliveira menciona a identificação de 5 túmulos semelhantes aos de Alcoitão e da Abuxarda. Refere também que essas sepulturas, orientadas invariavelmente Este-Oeste, eram delimitadas por lajes pétreas, estando já destituídas de tampas de cobertura (Oliveira, 1888-1892, p. 9). Do enterramento, ou enterramentos, de época visigoda realizados nas Grutas do Poço Velho apenas terá subsistido uma placa de cinturão de tipologia liriforme datada do século VII/primeiras duas décadas do VIII d.C. (Arezes, 2010, PI – 10), recolhida pelo general Carlos Ribeiro nas escavações que aí realizou em 1876 (Paço e Figueiredo, 1947).

IMPERCETIBILIDADE DAS ESTRUTURAS FUNERÁRIAS

Outra dificuldade com que nos deparamos é a impercetibilidade das estruturas. Assim como em contextos habitacionais alto-medievais, construídos frequentemente com materiais perecíveis de difícil conservação (madeira e entramados vegetais), também as sepulturas deste período se caracterizam por uma certa invisibilidade construtiva. Note-se que, apesar de existirem sepulturas estruturadas por lajes de pedra, existem igualmente sepulturas escavadas diretamente no solo desprovidas de qualquer elemento pétreo que as assinala no terreno e que, portanto, podem passar totalmente despercebidas ao olho do arqueólogo mais experiente. Para os séculos VI e VII no concelho de Cascais registam-se maioritariamente sepulturas de lajes e sepulturas

em fossa, não tendo sido ainda identificadas sepulturas escavadas na rocha para este caso de estudo.

Os sítios que atualmente conservam sepulturas *in situ* são as necrópoles de Alcoitão – uma sepultura – e de Casais Velhos – duas sepulturas geminadas. Em ambos os casos tratam-se de sepulturas de lajes calcárias que, por serem construídas com elementos mais duradouros (a pedra), mais facilmente se terão preservado. Considera-se importante referir que algumas destas sepulturas podem ter reaproveitado materiais de construção de edifícios mais antigos que se encontravam em ruína, seja a pedra ou até mesmo a cerâmica de construção, muito presente nas imediações destas sepulturas.

É igualmente de notar a existência de plantas para as necrópoles de Alcoitão e de Casais Velhos que, apesar de muito esquemáticas, ilustram, com as devidas cautelas, a distribuição das sepulturas nesses espaços funerários. Entendemos que, para o caso de Casais Velhos, existiriam pequenos núcleos de enterramento onde as sepulturas estariam orientadas invariavelmente no mesmo eixo, Este-Oeste. Na necrópole de Alcoitão, o desenho esquemático de 1888 mostra um planeamento na disposição das sepulturas, uma vez que elas se encontram dispostas em filas paralelas, todas invariavelmente com uma orientação Este-Oeste, formando espaços de circulação entre elas. Cremos que este tipo de planeamento é resultado de uma maior intervenção por parte de um grupo dominante que se ocupava da gestão desse cemitério.

ESTUDOS CRONO-TIPOLOGICOS

Os estudos que se ocupam somente da análise dos espólios exumados das necrópoles desta época são também uma condicionante para uma visão abrangente desses sítios. Ora, era exatamente esse tipo de ensaio científico que havia para as sepulturas alto-medievais do concelho de Cascais antes da realização deste trabalho de investigação.

Os espólios funerários recolhidos nestas necrópoles eram, e frequentemente ainda o são, perccionados como indicadores étnicos, atribuídos aos povos que invadiram a Península Ibérica a partir do século V. Com os dados de que se dispõe atualmente, não nos podemos dar como satisfeitos com essa interpretação. Os anéis, os brincos, as placas de cinturão e os braceletes são apenas uma pequena parte de todo o fenómeno funerário. Teremos de perceber o significado do aparecimento desses objetos no interior das sepulturas, nomeadamente começando por compreender quem eram realmente os indivíduos que se faziam acompanhar por estes adornos. Que posição ocupariam no seio da sua comunidade? Até porque o aparecimento de espólios é muito pouco frequente. Estima-se que, no século VI, 30 em 100 indivíduos se fizessem inumar com os seus pertences pessoais, situação que se transforma no século VII d.C. quando apenas 10 em 100 indivíduos eram acompanhados por objetos funerários (Ripoll, 1989, p. 418). Com isto não queremos desvalorizar a sua importância na leitura destas necrópoles, porque até ao momento os espólios metálicos de adorno e de

indumentária são os únicos elementos datantes dos enterramentos do concelho de Cascais.

Foram exumados um total de seis jarros cerâmicos provenientes de Alcoitão, da Abuxarda, de Casais Velhos e de Murches. O conjunto cerâmico apresenta bastante uniformidade formal. Entre estes predomina a montagem das peças a torno, tendo-se observado em dois exemplares indícios de modelação manual, nomeadamente no que respeita aos bicos dos bordos trilobados. Verificou-se decoração nas superfícies exteriores dos bojos de dois dos exemplares, ostentando motivos em ziguezague, linhas incisas e linhas incisas formando caneluras. Os bordos de todas as peças têm morfologia redonda, sendo que dois deles apresentam configurações trilobadas. As peças possuem corpos globulares ou piriformes e todas têm somente uma asa. Registam-se maioritariamente fundos planos, mas também uma peça com base em disco, outra com uma base ligeiramente convexa e outra com o fundo côncavo.

O conjunto do espólio metálico exumado nas necrópoles cascalenses é quantitativamente mais expressivo. A presença de objetos metálicos de indumentária e de adorno pessoal indiciam a prática da inumação vestida. Na totalidade foram recolhidas 37 peças metálicas, entre as quais anéis, brincos, fivelas, braceletes, apliques zoomórficos, placas de cinturão, um fuzilhão, pregos e uma agulha. A adicionar ao espólio funerário, oito contas de colar em pasta vítrea e em âmbar. As sepulturas de procedência da maior parte destes objetos é de difícil aferição devido à inexistência de um registo de proveniência concreta.

A cultura material baliza cronologicamente as necrópoles do concelho de Cascais entre finais do século V e as primeiras duas décadas do VIII d.C., o que demonstra a larga diacronia de utilização funerária de alguns dos cemitérios estudados.

ANTROPOLOGIA FÍSICA

Tendo em conta que, no fenómeno funerário, estão envolvidos indivíduos, a investigação sobre necrópoles, qualquer que seja o seu âmbito cronológico, geográfico ou contextual, não pode ficar alheia a outras ciências complementares que ajudam à sua melhor compreensão. É o caso da Antropologia Física, que trouxe à luz informações que se encontravam em falta no caso de estudo em questão e que possibilitou tirar algumas conclusões acerca dos rituais funerários praticados, da reutilização de sepulturas e de enterramentos diferenciados por género e/ou por classe etária. O registo bioarqueológico vem esbater a tendência dos investigadores para a realização de estudos puramente crono-tipológicos dos espólios e vem assumir a sua importância como parte do registo arqueológico.

A antropologia funerária revela-se cada vez mais indispensável para entender os comportamentos do Homem em relação à morte e a forma como se manifestam material e culturalmente. Não conta apenas com a identificação anatómica dos ossos. Embora não tenhamos disfrutado de sítios arqueológicos inéditos, acabados de escavar e de registar, o estudo preliminar das coleções

osteológicas das necrópoles alto-medievais do concelho de Cascais trouxe uma nova luz sobre as dinâmicas intra-sepulcrais.

Assim, o estudo antropológico preliminar das coleções osteológicas das necrópoles de Cascais (Alcoitão, Abuxarda, Murches e Casais Velhos), que contou com o contributo da antropóloga Raquel Granja, possibilitou o apuramento de um Número Mínimo de Indivíduos (NMI) de 125, entre os quais 74 são de Alcoitão, 29 de Casais Velhos, 20 de Murches e 2 da Abuxarda. Verificou-se que uma grande maioria dos indivíduos eram maduros, havendo maior frequência de homens do que de mulheres. Estamos em posição de afirmar que não existiria qualquer intencionalidade em diferenciar os indivíduos inumados por género e/ou idade. Indivíduos do sexo feminino enterraram-se juntamente com indivíduos do sexo masculino, o que se constata também com indivíduos maduros e imaturos. Só em Alcoitão foi possível apurar a existência de sepulturas exclusivamente infantis, em número de seis, o que corresponde a apenas 19% do total de sepulturas dessa necrópole. O estudo antropológico revelou igualmente uma tendência generalizada para a reutilização das sepulturas: nas necrópoles de Alcoitão e de Murches mais de 70% das sepulturas seriam reaproveitadas para mais do que um enterramento. A reutilização de uma sepultura já existente representaria uma solução mais económica do que uma construção *ex novo*. Também não colocamos de parte a hipótese de que essa reutilização se dever a jazigos familiares; no entanto é uma proposta mais sensível que precisa de ser comprovada por análises de ADN.

CONCLUSÃO

Além das soluções metodológicas que apresentámos – uma boa pesquisa bibliográfica, a análise de plantas, a realização de prospeções intensivas, a inclusão da Antropologia Física neste tipo de estudos –, considera-se fundamental que se continue a edificar um sólido quadro cronológico sustentado na aplicação de métodos de datação absoluta em amostras fiáveis procedentes de contextos bem definidos. A sua utilização permitirá não só afinar cronologias, mas também colmatar as limitações que os estudos estilístico-formais dos espólios apresentam.

Também se crê que os projetos de investigação devem orientar-se para o estudo do povoamento campesino em época suevo-visigoda, sem que estes sejam necessariamente fruto de intervenções de carácter preventivo. A publicação e a apresentação pública dos resultados de intervenções arqueológicas deste tipo de contextos é outra arma para o desenvolvimento da própria investigação. Além da divulgação é ainda essencial estimular a formulação de cenários interpretativos para a Alta Idade Média portuguesa como forma de despertar e integrar as populações locais em ações de defesa do seu património e do seu Passado.

Espera-se ainda que este trabalho possa estimular estudos neste mesmo sentido que integrem metodologias interdisciplinares que propiciem novos dados e novas leituras de velhas necrópoles.

BIBLIOGRAFIA

AREZES, A. (2010) – *Elementos de adorno altomedievicos em Portugal (séculos V a VIII)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

BRANCO, A.; FERREIRA, O. (1971) – Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho). *Boletim do Museu Biblioteca dos Condes de Castro Guimarães*, n.º 2, p. 69-83.

CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. (2001) – *Relatório das Sondagens Realizadas na Área de Protecção da Necrópole de Alcoitão (Concelho de Cascais)*. Relatório depositado na Biblioteca de Arqueologia da Direção-Geral do Património Cultural, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

FIGUEIREDO, F.; PAÇO, A. (1950) – Vestígios romanos de los "Casais Velhos" (Areia, Cascais). In *Actas del I Congreso Nacional de Arqueología e V Congreso Arqueológico del Sudeste Español (Almería, 1949)*. Cartagena: Junta Municipal de Arqueología y del Museo de Cartagena, p. 306-312.

OLIVEIRA, F. (1888-1892) – Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes. In *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*. Tomo II. Lisboa: Academia Real das Sciencias, p. 82-107.

PAÇO, A.; FIGUEIREDO, F. (1947) – Placa de cinturão visigótica das Grutas de Cascais. In *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria: Homenaje a Julio Martínez Santa-Olalla (vol. II)*. Tomo XXII. Madrid: Museo Antropológico Nacional, p. 14-20.

RIPOLL LÓPEZ, G. (1989) – Características generales del poblamiento y la arqueología funeraria visigoda de Hispania. In *Espacio Tiempo y Forma*, I: 2, p. 389-418.